

# Literatura infanto-juvenil, autoajuda e *youtubers*: diálogos com o ensino de literatura

Child-juvenile literature, self-help and youtubers: dialogues with literature teaching

Diego Kauê Bautz\*

**Resumo:** o trabalho buscou colaborar com a compreensão sobre o papel do ensino de literatura na formação de leitores críticos capazes de lidar com as estratégias do mercado. A lista dos livros mais vendidos publicada no *site PublishNews* serviu como base, pois, a partir dos dados obtidos, foi constatado um elevado número de vendas de obras de autoajuda e infanto-juvenis, além de alta recente na procura por obras associadas a *YouTubers*, indicando, talvez, a consolidação de uma estratégia de mercado, que reduz as possibilidades de escolhas. Estes dados direcionaram o olhar para uma pesquisa bibliográfica sobre o consumo de obras destes tipos, o ensino de literatura e o lugar da leitura na sociedade de consumo, sempre apoiado nas perspectivas de Leahy-Dios (2004) e Bauman (2008, 2010). A hipótese aqui elaborada é de que o ensino de literatura, pautado pelos diálogos propostos por diferentes obras literárias, das canônicas às líderes de vendas, a serem lidas e discutidas a partir de variadas perspectivas teóricas, instrumentalize os alunos para estabelecerem comparações com aquilo que o mercado lhes oferece, e, assim, terem autonomia para decidirem o que consumir, além de permitir o exercício do diálogo em torno da construção dos sentidos de suas leituras, em um processo de colaboração.

**Palavras-chave:** Autoajuda. Literatura infanto-juvenil. Sociedade de consumo. Ensino de literatura. *YouTubers*.

**Abstract:** the paper sought to contribute to the understanding of the role of literature teaching in the training of critical readers capable of dealing with market strategies. The list of best-selling books published on the website PublishNews served as a basis, since, from the data obtained, it was found a high number of sales of self-help and children's books, in addition to recent high demand for works associated with YouTubers, indicating, perhaps, the consolidation of a market strategy that reduces the possibilities of choices. These data focused on a bibliographical research on the consumption of such works, the teaching of literature, and the place of reading in a consumer society, always supported by the perspectives of Leahy-Dios (2004) and Bauman (2008, 2010). The hypothesis elaborated here is that the teaching of literature, guided by the dialogues proposed by different literary works, from canonical to sales leaders, to be read and discussed from various theoretical perspectives, instrumentalize the students to establish comparisons with what the market offers them, and thus have the autonomy to decide what to consume, and allow the exercise of dialogue around the construction of the meanings of their readings, in a process of collaboration.

**Key-words:** Self-help. Children's literature. Consumer Society. Literature teaching. YouTubers.

---

\* Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Sagrado Coração (2013), e Especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela mesma universidade (2016). Atualmente é mestrando em Literatura e Sociedade pela UNESP, com auxílio de bolsa CAPES. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos temas de semiótica, literatura marginal e oralidade. E-mail: diegobautz@hotmail.com

## Introdução

O trabalho tem, como objetivo geral, colaborar com a compreensão sobre o papel do ensino de literatura nas escolas em relação à formação de leitores críticos capazes de lidar com as estratégias de mercado. Para atingir tal objetivo, a partir da análise da lista dos livros mais vendidos, divulgada pelo *site PublishNews*, se colocou a questão sobre a falta de diversidade dos livros mais vendidos, expressando, talvez, um posicionamento passivo dos consumidores diante de estratégias publicitárias que investem em personalidades para atrair leitores-seguidores. Com a questão colocada, se tornou necessário investigar, como objetivo específico que ajudasse a cumprir o objetivo geral, o motivo para a alta procura por livros de autoajuda e para o recente crescimento de interesse por obras infanto-juvenis, pois se entende que talvez este contexto indique uma falha no ensino de literatura, não só no sentido de não apresentar diferentes estilos de textos, mas, principalmente, de não instrumentalizar teoricamente os alunos para que sejam capazes de um posicionamento crítico no universo literário. Em consulta ao *site* <[www.publishnews.com.br](http://www.publishnews.com.br)> pôde-se notar que, até o momento, dia vinte de setembro de 2017, entre os vinte livros mais vendidos no Brasil neste ano figuram cinco de autoajuda e dois infanto-juvenis. Porém esta proporção aumenta quando observados os dados dos livros mais vendidos no período de 18/08/2017 a 03/09/2017. Entre os vinte livros mais vendidos no Brasil neste intervalo de tempo, de acordo com a pesquisa, constam oito de autoajuda e cinco infanto-juvenis. A hipótese aqui defendida é de que talvez a abordagem utilitária no ensino atual de literatura esteja direcionando os leitores para obras com suposta utilidade, e, de preferência, de rápida assimilação.

A literatura de autoajuda, conforme constatado por Lopes (2016), é consumida também por professores, chegando a ser indicada como leitura em cursos superiores para formação de docentes. Com base nos dados obtidos em sua pesquisa, a autora acredita que os professores consumam autoajuda devido ao baixo custo dos livros, aliado à simplicidade do texto e à promessa de que baste a sua leitura e o esforço próprio do leitor para se alcançar o prometido pelo título da obra. Partindo do pressuposto de que a escola atue como um dos espaços privilegiados para a formação de um leitor, se espera do professor, suposto leitor mais experiente capaz de orientar os estudantes, autonomia suficiente para escolher as suas leituras, afinal, a expectativa é de que, entre outros saberes, seus alunos também atinjam esta competência através das aulas de literatura.

As estratégias de publicidade também parecem interferir no elevado consumo de literatura infanto-juvenil. Cardoso (2011) lembra que no século XX houve uma tentativa de construir a imagem do Brasil como um país moderno, tendo, entre outros resultados, a profissionalização do escritor de obras infanto-juvenis voltada à reprodução da perspectiva do Estado em relação às noções de civismo e de um comportamento ideal a ser trabalhado pelas escolas. A pesquisadora, então, demonstra como o lucro esteve associado à literatura infanto-juvenil desde este período, já que a adoção destas obras pelas escolas garantia que fossem vendidas e lidas.

Ao analisar os livros infanto-juvenis mais vendidos indicados pelo *PublishNews*, sobretudo no período de 28/08/2017 à 03/09/2017, parece que a escola já não é a única ferramenta impulsionadora de vendas e talvez não seja

possível sequer conceber como escritores aqueles que assumem as autorias destas obras. Dos cinco livros mais vendidos neste período, apenas *Minha vida fora de série – 4ª temporada* é escrito por alguém que se denomina escritor em vez de *YouTuber*, embora Paula Pimenta, autora do livro, também possua um canal na rede. Os autores dos outros quatro livros infanto-juvenis entre os mais vendidos podem ser vistos como *YouTubers*. Dentre eles, apenas Larissa Manoela não se apresenta como tal, pois em seu *site* oficial é denominada como atriz e cantora, embora alimente constantemente seu canal na rede com vídeos de paródias de músicas famosas e relatos sobre a sua intimidade, como uma *YouTuber*.

Estes *YouTubers* acabam exercendo uma grande influência, sobretudo nas crianças. Ouvindo dois grupos de crianças de quintos anos de duas escolas públicas de Tubarão, sul de Santa Catarina, Moraes (2017) identificou que todas as crianças se referiram a eles com muita admiração. A pesquisadora considera esta reincidência como uma indicação sobre o modo como estas crianças projetam nos *YouTubers* um ideal de personalidade e função social.

Então, compreendendo a relação entre autoajuda, literatura infanto-juvenil e consumo, com o apoio da perspectiva de Bauman (2010), se entende que, ao contrário da modernidade que privilegiava a ordem, propondo hierarquizações de práticas através do estabelecimento de critérios objetivos, a pós-modernidade não limita seus modelos de ordem, pois cada tradição particular estabelece e valida seus próprios critérios no interior de uma "comunidade de significados". Sendo assim, o ensino de literatura é aqui entendido, de acordo com a concepção de Candido (1975), como uma forma de ler a sociedade em que está inserida, ou seja, se vivemos em uma sociedade de consumo, o ensino de literatura pode ser inserido neste contexto a partir do trabalho com obras que expressem estes traços sociais nas configurações das suas estruturas. Por exemplo, talvez um diálogo com os alunos, mediado teoricamente, sobre a estrutura de um livro de *YouTuber*, seja produtivo no sentido de elaborar reflexões, por meio da colaboração em sala de aula, desde o histórico das práticas autobiográficas, até o embaralhamento dos limites entre público e privado na sociedade contemporânea e o papel das mídias digitais na configuração da criação e da recepção do livro, pois, segundo Leahy-Dios (2004), a literatura se mostra como uma disciplina capaz de incitar que o aluno não seja passivo diante dos textos e do mundo porque, se tratando de uma criação social complexa, exigindo interação criativa entre alunos, professores e variadas fontes de conhecimento, envolve aspectos sensoriais e racionais de diferentes campos de estudo, como, por exemplo, a arte e os estudos socioculturais.

Portanto, entendendo, conforme Luft (2014), que a literatura enquanto leitura cultural esteja sendo preterida por uma leitura funcional nas escolas brasileiras com o argumento de preparar os alunos para os vestibulares, a proposta aqui defendida é que o professor privilegie a fruição de textos literários, e esteja preparado, com o apoio de um instrumental teórico variado, para mediar os diálogos propostos pelas obras com os alunos, pois se acredita que, assim, a formação de leitores seja enriquecida no sentido de os tornarem menos passivos às estratégias do mercado, como, por exemplo, aquelas que investem em obras associadas a personalidades capazes de atingir um público-alvo com um comportamento mais de seguidor do que de leitor. Neste contexto, então, o ensino de literatura pode cumprir o papel de amparar teoricamente os alunos para se posicionarem como leitores, capazes de enfrentar qualquer estratégia publicitária, sobretudo às associadas ao universo literário.

## Literatura infanto-juvenil, autoajuda, *youtubers* e o consumo

Biasioli (2007) aponta que após a década de 1930 a frequência à escola se tornou obrigatória, havendo uma proliferação de traduções de obras infanto-juvenis. Em resposta às traduções, de acordo com a pesquisadora, o nacionalismo relacionado ao Modernismo tomou forma tradicionalista na literatura direcionada às crianças, pois as histórias atuavam como pretextos para a valorização de símbolos nacionais. Para Biasioli, desde então a produção literária infanto-juvenil tem sido renovada, acompanhando as mudanças nos conceitos de infância e de juventude, assim como os gostos das crianças e dos jovens, ora voltados mais à irreverência e ao suspense, como na década de 1980 em que livros como *O menino maluquinho* (Ziraldo, 1980) e *O rapto do garoto de ouro* (Marcos Rey, 1983) foram os mais vendidos, ora mais à fantasia ligada à experiência do crescimento, como no período de 1994 a 2000 em que *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (J. K. Rowling, 2000) e *O pequeno príncipe* (Saint-Exupéry, 1943) estiveram entre os mais vendidos.

A condução do gosto das crianças e dos jovens, atualmente, talvez seja influenciada pelas plataformas digitais. De acordo com Rösing e Rettenmaier (2008), as instituições de ensino, no Brasil, entendiam a hipertextualidade do computador como uma ferramenta para favorecer a autonomia de aprendizagem dos seus usuários, em razão da incitação a um comportamento participativo. Por outro lado, as pesquisadoras defendem que um usuário experiente possa, por exemplo, deduzir o comportamento a ser seguido para alcançar algum objetivo determinado, e, com o tempo, passar a também se comportar previsivelmente, pois seus movimentos tendem a se tornarem automatizados. Então, a partir dos relatórios do Comitê Gestor da Internet no Brasil, Rösing e Rettenmaier (2008) apontam que, com a expansão do número de usuários de internet no Brasil, as expectativas das instituições de ensino acabam frustradas, pois esta automatização gera um comportamento padronizado e passivo dos hiperleitores.

Talvez a sedução por um discurso automatizado não seja fruto somente das plataformas digitais, pois através de um levantamento sobre os livros mais vendidos no período de 1966 a 2010, Cortina (2011) constatou um aumento considerável no consumo de livros de autoajuda. A partir deste levantamento, o pesquisador defende que a autoajuda ao longo do século XX e do início do XXI se configure mais como um estilo do que como um gênero, pois em vez de ser constituída com características definidas de um tipo específico de texto, passa a tratar de diferentes questões, desde sexualidade a assuntos financeiros, sendo disseminada em diferentes formatos, embora sempre tratando de questões da individualidade e do autoconhecimento. Para Cortina, a queda das certezas do homem contemporâneo ocidental, aliada ao consumo e às transformações tecnológicas, favorece a busca por obras de autoajuda a fim de suprir a carência de respostas. Desta forma, o autor entende que estas obras dialoguem com o discurso do sistema capitalista contemporâneo, pois são “uma resposta aos valores que são disseminados na sociedade e um reflexo deles.” (2011, p. 148).

O ensino de literatura, então, teria o papel de contribuir para a formação de leitores críticos capazes de, em vez de acreditar na publicidade de obras que prometem respostas práticas para as suas vidas, elaborarem suas próprias respostas a partir de suas leituras. Contudo, o estudo de Lopes (2012) demonstra que um dos responsáveis pelo ensino de literatura, o professor, também acaba se deixando levar

pelas estratégias do mercado, buscando conforto nos livros de autoajuda, ou até mesmo os adotando como materiais teóricos.

O consumo passivo de livros de autoajuda por professores talvez indique um dos motivos para que alunos terminem o ensino médio sem que se tornem leitores, ou então sem a capacidade de responderem às obras que leem. “A autoajuda ancora-se numa perspectiva homogênea, num modelo fixo, rígido de constituição identitária, a partir de técnicas e práticas que prometem o controle de si mesmo em busca da satisfação pessoal.” (RIBEIRO; STAFUZZA, 2014, p. 662). Desta forma, longe de se oferecer ao diálogo que obras literárias costumam permitir, este tipo de leitura, para Ribeiro e Stafuzza, filia-se ao discurso capitalista no sentido de firmar que tudo depende da “força de vontade”, para então prescrever o que os indivíduos devem fazer sem considerarem os seus contextos sócio-históricos.

Assim, para a formação de leitores que em vez de receitas prontas, busquem elaborar um diálogo com as suas leituras, Silva e Oliveira (2016) sugerem que o professor seja capaz de mediar satisfatoriamente o contato de seus alunos com textos literários. As pesquisadoras acreditam que a educação literária permita rupturas no modo de lidar com informações massificadas, pois através de uma mediação realizada por um professor com um repertório de leituras constantemente ampliado, os estudantes desenvolveriam as habilidades de atenção e de síntese. “A partir de interpretações e produções subjetivas e/ou objetivas, o aluno poderá chegar à sua síntese, que é o encontro com a sua voz de intérprete, de crítico, de autor, de sujeito.” (SILVA; OLIVEIRA, 2016, p. 58).

Porém, o elevado consumo de livros de autoajuda e de obras infanto-juvenis escritas por *YouTubers* indica, talvez, que a procura por prescrições ainda seja maior do que a busca pela elaboração de uma voz própria. Gomes e Gomes (2017) afirmam que os *millennials*, nascidos entre a década de 1980 e início dos anos 2000, geralmente são imediatistas, exigentes e conectados ao mundo através da internet. Assim, os pesquisadores, pensando sobre o marketing de influência, retomam a ideia de Don Tapscott em relação aos *prosumers* - consumidores que também desejam colaborar no processo produtivo -, para indicarem que esta geração se conecta às webcelebridades por um sentimento de proximidade motivado pelo contato com a intimidade dos seus ídolos compartilhada nas redes sociais. Isto favorece a vinculação de marcas e produtos a imagens de webcelebridades associadas a diferentes tipos de públicos, com estilos determinados, correspondentes às expectativas em torno dos modos de identificação de cada influenciador.

Ao que parece, conforme Moraes (2017), as trocas simbólicas na cultura contemporânea passam por mudanças nos modos de socialização e subjetivação, sobretudo das crianças e jovens. A pesquisadora afirma que atualmente as crianças valorizam o *YouTube* e propõe, como prática de inovação pedagógica, o trabalho com canais no *YouTube* a fim de aproximar conteúdos curriculares do interesse e da habilidade infanto-juvenil para lidar com esta ferramenta, pois, de acordo com Moraes, o imaginário infanto-juvenil frente às tecnologias passa por um momento em que as crianças não só consomem os conteúdos produzidos pelos *YouTubers*, como se voltam para a possibilidade de se colocarem como produtoras de conteúdo.

## Ensino de literatura e diálogo: uma necessidade política

A lista dos livros mais vendidos publicada pelo *site PublishNews* serviu como uma amostragem para este trabalho, indicando, talvez, uma falha no ensino de

literatura expresso na falta de diversidade textual entre os títulos presentes na lista, pois se entende que o ensino desta disciplina, conforme Todorov (2010), ao encarar as obras como um objeto autônomo e não em seu sentido, como interpretação do mundo, venha favorecendo o desinteresse dos alunos pela leitura e, portanto, se deva permitir que a literatura se abra ao diálogo com o mundo para que seja capaz de sublimar os sentimentos do leitor pela beleza, oferecendo algo que dê sentido à sua vida, e até mesmo curando-o de seu egotismo, desde que conceitos teóricos não se sobreponham às leituras das obras, mas participem como acessórios produtivos para a mediação do diálogo em torno do texto literário, este sim, o ponto de partida e de chegada de uma aula de literatura.

A referida lista indica que, até o dia vinte de setembro de 2017, os vinte livros mais vendidos são<sup>1</sup>, respectivamente, *Batalha espiritual*, de Padre Reginaldo Manzotti, *O homem mais inteligente da história*, de Augusto Cury, *O poder da ação*, de Paulo Vieira, *Por que fazemos o que fazemos?*, de Mário Sérgio Cortella, *Rita Lee – uma autobiografia*, de Rita Lee, *Propósito*, de Sri Prem Baba, *Sapiens*, de Yuval Noah Harari, *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, de Augusto Cury, *Quatro vidas de um cachorro*, de Bruce Cameron, *O poder do agora*, de Eckhart Tolle, *O poder do hábito*, de Charles Duhigg, *Depois de você*, de Jojo Moyes, *Harry Potter e a criança amaldiçoada*, de J.K Rowling, *Minutos de sabedoria*, de C. Torres Pastorino, *Como eu era antes de você*, de Jojo Moyes, *O mundo de Larissa Manoela*, de Larissa Manoela, *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupî Kaur, *A cabana*, de William P. Young, *Ansiedade 2 – Autocontrole*, de Augusto Cury, e *Os segredos da mente milionária*, de T. Harv Eker.

Nesta lista, de acordo com a classificação do próprio site, constam um livro de negócios (*Os segredos da mente milionária*), dois de não-ficção (*Rita Lee – uma autobiografia*, e *Sapiens*), dois infanto-juvenis (*Harry Potter e a criança amaldiçoada*, e *O mundo de Larissa Manoela*), seis de ficção (*O homem mais inteligente da história*, *Quatro vidas de um cachorro*, *Depois de você*, *Como eu era antes de você*, *Outros jeitos de usar a boca*, e *A cabana*), e nove de autoajuda (*Batalha espiritual*, *O poder da ação*, *Por que fazemos o que fazemos?*, *Propósito*, *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, *O poder do agora*, *O poder do hábito*, *Minutos de sabedoria*, e *Ansiedade 2 – Autocontrole*).

Apesar de a ficção ser a segunda categoria em número de títulos que aparecem na lista, se for considerada a quantidade de livros vendidos, os de autoajuda ainda contam com ampla vantagem. A soma dos seis títulos definidos como obras de ficção é de 360.520 livros vendidos, enquanto que na categoria de autoajuda, somente a soma dos quatro primeiros colocados da lista totalizam 370.627 vendas, superando a soma de todos os definidos como ficção.

Assim, já é possível constatar, somente com esta amostragem, o domínio que os livros de autoajuda exercem no mercado. Porém, ainda que no período de vinte e oito de agosto de 2017 a três de setembro do mesmo ano, conforme dados obtidos no mesmo site, este domínio se mantenha, também foi possível perceber o crescimento da procura por livros infanto-juvenis, sobretudo relacionados à imagem de *YouTubers*.

De acordo com o site *PublishNews*, no período citado acima, os livros mais vendidos foram<sup>2</sup>, respectivamente, *Felipe Neto*, de Felipe Neto, *Minha vida fora de série – 4ª temporada*, de Paula Pimenta, *Foco na prática*, de Paulo Vieira, *Sapiens*, de Yuval Noah Harari, *O poder da ação*, de Paulo Vieira, *Box – As crônicas de gelo e*

<sup>1</sup> O gráfico retirado do site pode ser visto no anexo A.

<sup>2</sup> O gráfico retirado do site pode ser visto no anexo B.

*fogo*, de George R. R. Martin, *Na minha pele*, de Lázaro Ramos, *Propósito*, de Sri Prem Baba, *Outros jeitos de usar a boca*, de Rupí Kaur, *O poder do hábito*, de Charles Duhigg, *O mundo de Larissa Manoela*, de Larissa Manoela, *Neagle*, de Victor Trindade e Gabriel Fernandes, *Batalha espiritual*, de Padre Reginaldo Manzotti, *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, de Augusto Cury, *Por que fazemos o que fazemos?*, Mário Sérgio Cortella, *Planeta das gêmeas*, de Melissa e Nicole, *Minutos de sabedoria*, de C. Torres Pastorino, *O poder do agora*, de Eckhart Tolle, *O homem mais inteligente da história*, Augusto Cury, e *Homo Deus*, de Yuval Noah Hararis.

A partir dos critérios do próprio site para a classificação destas obras, entre elas há um livro de negócios (*Foco na prática*), três de ficção (*Box – as crônicas de gelo e fogo*, *Outros jeitos de usar a boca*, e *O homem mais inteligente da história*), três de não-ficção (*Sapiens*, *Na minha pele*, e *Homo Deus*), cinco infanto-juvenis (*Felipe Neto*, *Minha vida fora de série – 4ª temporada*, *O mundo de Larissa Manoela*, *Neagle*, e *Planeta das gêmeas*), e oito de autoajuda (*O poder da ação*, *Propósito*, *O poder do hábito*, *Batalha espiritual*, *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, *Por que fazemos o que fazemos?*, *Minutos de sabedoria*, e *O poder do agora*). Percebe-se, portanto, que os livros classificados como de autoajuda ainda contam com mais títulos presentes na lista, e que os definidos como infanto-juvenis agora superam as obras de ficção.

O crescimento da procura por livros infanto-juvenis não aparece só na quantidade de títulos, mas também em relação ao número de livros vendidos. Apesar de a categoria de autoajuda permanecer dominante no que se refere ao número de títulos na lista, em relação ao número de vendas a categoria infanto-juvenil é, com grande vantagem, a mais procurada no período considerado. Enquanto a soma das vendas dos oito títulos classificados como autoajuda neste período totaliza 14.673, os cinco títulos infanto-juvenis somam 32.512 livros vendidos, isto é, mais do que o dobro.

Na verdade, tamanho crescimento do número de livros classificados como infanto-juvenis vendidos neste período se deve, em grande parte, ao *YouTuber* Felipe Neto. Somente a quantidade de livros vendidos do *YouTuber* já supera a soma das vendas de todos os oito títulos de autoajuda. De acordo com o *PublishNews*, *Felipe Neto*, de Felipe Neto, conta com 18.927 exemplares vendidos no período considerado. O que significa que, sozinho, teve 4.254 mais vendas do que a soma de todos os títulos de autoajuda, além de representar mais da metade do número de vendas de toda a categoria infanto-juvenil. Mas, considerando os dados obtidos do site, quais os motivos para a presença constante de títulos de autoajuda em listas de livros mais vendidos e para a alta recente na procura por obras infanto-juvenis, sobretudo, pelo livro escrito pelo *YouTuber* Felipe Neto? A literatura, como disciplina escolar, tem relação com a questão, ou o mercado teria maior influência?

Procurando responder a estas indagações, partiu-se do princípio de que talvez o motivo para o sucesso de vendas de livros de autoajuda esteja relacionado à abordagem utilitária do ensino de Literatura, pois, assim entendida, o aluno leitor é direcionado para obras de fácil assimilação, que lhes ofereçam alguma utilidade declarada. Além disto, as obras de autoajuda parecem responder superficialmente à propaganda de que ler torna as pessoas melhores, ou pelo menos mais sábias e poderosas, vide os títulos dos livros do gênero presentes na lista analisada. Já a procura por obras infanto-juvenis talvez esteja relacionada ao desejo de pertencer a um grupo. Cada *YouTuber*, por exemplo, possui um grande número de seguidores com interesses em comum, constituindo uma espécie de comunidade mais ou menos coesa, e, considerando que entre os cinco livros infanto-juvenis mais vendidos entre

vinte e oito de agosto e três de setembro de 2017, quatro deles têm autoria atribuída a *Youtubers*, a hipótese levantada é a de que a identificação das crianças e jovens com estas webcelebridades os leve a consumir, quase que automaticamente, produtos relacionados aos seus ídolos. Assim, a perspectiva inicial ao observar a lista do *PublishNews* foi de que, talvez, tanto as obras de autoajuda quanto as infanto-juvenis servissem como ferramentas para a constituição da identidade do sujeito na sociedade de consumo, sendo, portanto, produtiva uma mediação da educação literária.

Em relação à categoria das obras infanto-juvenis no Brasil, Cardoso (2011) demonstra que, desde a década de 1930, a adoção deste tipo de leitura pelas escolas estimulava uma associação ao lucro. Agora, ao que parece, o sucesso de vendas de obras deste estilo parece ter deixado de depender das escolas, pois a influência de líderes de opinião parece ser muito mais determinante. Observando este fenômeno a partir da perspectiva de Bauman (2008), talvez a literatura infanto-juvenil se aproxime das obras de autoajuda no sentido de apresentar certezas vendidas pelo mercado, a fim de evitar as consequências da nossa liberdade de escolha e de configurar o sentimento neotribal da insegurança do indivíduo sobre o seu saber, levando-o a buscar bens que lhe prometem uma identidade segura, não mais ambígua e livre de incertezas. Assim, abolindo a possibilidade de escolha, o mercado promete o fim da angústia das escolhas.

Sendo assim, considerando o interesse que obras associadas a *Youtubers* parecem despertar na geração atual, parece haver uma nova mudança nos gostos de crianças e jovens. Segundo Biasioli (2007), na década de 1980, estes gostos estiveram voltados à irreverência e ao suspense, e, no período entre 1994 a 2000, à fantasia ligada à experiência do crescimento. Os dados da lista do *PublishNews* permitem inferir que atualmente o gosto dos mais jovens esteja voltado exclusivamente ao espaço privado, como uma espécie de radicalização do interesse dos jovens da década de 1980, pois, de acordo com a leitura de Marcos Antonio Almeida realizada por Biasioli, nesta década houve uma passagem do folhetim encenando a grande cidade, para o romance policial clássico em torno de uma família. Desta forma, esta passagem do espaço público ao privado, atualmente, se radicaliza ao romper com o mistério do quarto fechado dos romances policiais, e se vincular ao quarto dos *Youtubers*, escancarados, filmados e colocados em livros.

Além disto, ainda que a hipertextualidade do computador estimule um comportamento participativo, para Rösing e Rettenmaier (2008), esta participação tende a se tornar automatizada no ambiente virtual. A lista dos mais vendidos veiculada pelo *site* talvez também demonstre esta automatização, já que os interesses dos consumidores realmente não parecem difíceis de serem mapeados. A baixa presença de livros de ficção, além da ausência de obras que se proponham a um maior trabalho com a linguagem, motivaram reflexões sobre o temor persistente, amplificado pelas novidades tecnológicas, sobre a “morte da literatura”. Como se situariam os livros de literatura de ficção atualmente, sobretudo obras que se propõem a um maior trabalho com a linguagem? A intensa procura por obras de autoajuda e infanto-juvenis coloca a questão de como a literatura se localiza em uma sociedade de consumo rápido em que o sujeito exige experiências dinâmicas que lhes possibilite participar, criticar e interagir através de diferentes redes e aplicativos virtuais, mas que parece não reconhecer a possibilidade de interagir com obras literárias através da construção de um sentido autêntico.

O ensino de literatura, neste contexto, poderia oferecer um contraponto a esta automatização através da condução de diálogos entre alunos e obras, mediados por um professor com experiência de leitura, apoiado em diferentes perspectivas

teóricas. Ao propor a leitura em sala de aula e as construções de seus sentidos através da colaboração dos alunos, a troca de experiências estaria sendo estimulada diretamente, constituindo assim uma espécie de pequena comunidade, fora da rede digital de computadores. Assim, conforme Leahy-Dios (2004), interpretações significativas do objeto literário seriam favorecidas, pois, quando o poder é compartilhado democraticamente entre alunos e professores, diferentes perspectivas são levadas em consideração para as construções de sentido, a partir da possibilidade de problematizar os conteúdos literários.

Desta forma, o ensino de literatura, pautado pelo diálogo, por meio de um instrumental teórico variado que estimule a dúvida e permita amplo questionamento, ofereceria a possibilidade que os estudantes tomem contato com as incertezas de uma maneira menos angustiante. Ou seja, através de leituras que não prescrevam respostas prontas, as questões tratadas por livros de autoajuda que parecem afligir a sociedade contemporânea poderiam ser devolvidas aos alunos, ampliando as suas visões em relação à influência dos contextos sócio-históricos na linguagem e no imaginário, a fim de os fortalecerem para que se sintam capazes de problematizar a ideia de que sejam os únicos responsáveis por seus fracassos ou sucessos, pois, assim, seriam instrumentalizados para lidar com a mobilidade e as incertezas do mundo contemporâneo.

Para tal, embora pareça óbvio, é preciso que os professores de literatura sejam leitores de literatura. O profissional responsável pela formação de leitores tem de ampliar constantemente seu repertório de leituras a fim de ser capaz de mediar os diálogos entre alunos e obras satisfatoriamente, pois, partindo do pressuposto de que o professor seja um intelectual em sala de aula, conforme Bauman (2010), o papel do intelectual, devido à mudança na pós-modernidade em relação à autoridade dos julgamentos, deve ser o de conduzir conversações que enriqueçam diferentes tradições a partir de diferentes perspectivas. Isto porque, se na modernidade a objetividade era buscada para definir a superioridade de determinados padrões estéticos, na pós-modernidade esta objetividade passou a ser problematizada. Desta forma, o pensador entende que aceitar a irreversibilidade do pluralismo seja uma das reações à condição pós-moderna, cabendo aos intelectuais assumir o papel de intérpretes em vez de legisladores, já que, devido ao pluralismo, o maior problema de nosso tempo seja a comunicação entre tradições. Assim, os professores poderiam atuar no sentido de conduzir conversações civilizadas que levassem ao enriquecimento de diferentes grupos de tradição através da troca.

Trocando em miúdos, a especialização proposta se resume à arte da conversação civilizada. Este é, naturalmente, um tipo de reação ao conflito permanente de valores para o qual os intelectuais, graças às suas habilidades discursivas, estão mais bem preparados. Falar com as pessoas em vez de brigar com elas; entendê-las em vez de repudiá-las ou aniquilá-las como mutantes; incrementar sua própria tradição bebendo com liberdade na experiência de outros grupos, em vez de excluí-los do comércio de ideias. É isso que a tradição própria dos intelectuais, constituída pelas discussões em curso, prepara as pessoas para fazerem bem. A arte da conversação civilizada é algo de que o mundo pluralista necessita com premência. Ele só pode negligenciar essa arte às suas expensas. Conversar ou sucumbir. (BAUMAN, 2010, p. 197)

Mas, para pensar nas competências esperadas de um professor de literatura, é importante pensar no que alerta Leahy-Dios (2004) sobre o vácuo teórico na formação de professores, seus baixos salários e o desprestígio social com

que a profissão é vista. O que resulta na baixa autoestima destes profissionais que não se veem como produtores de conhecimento, acabando apenas reproduzindo os conteúdos dos livros didáticos. Embora as questões sobre as condições de trabalho dos professores pareçam distantes de serem resolvidas, aponta a autora que, para fortalecer a formação dos docentes, leituras textuais deveriam ser integradas aos conhecimentos informativos sobre literatura. Desta forma, se exercitaria uma visão crítica das teorias literárias em contraposição a métodos intuitivos de ensino, e, talvez, a teoria passasse a ser concebida como uma reflexão crítica sobre a prática, constituindo, assim, um perfil teórico de um professor capaz de integrar, contextualizar e aproximar diferentes perspectivas.

Então, com base nos pensamentos de Leahy-Dios (2004), se acredita que professores fortalecidos teoricamente, em primeiro lugar, sejam capazes de mediar satisfatoriamente os diálogos propostos por textos literários com os alunos e, além disto, evitem adotar livros de autoajuda como material de apoio pedagógico. Isto porque docentes com autonomia suficiente para a escolha de materiais que os apoiem em suas práticas, ou para a elaboração de seus próprios materiais, talvez sejam mais bem equipados para orientarem os seus alunos na construção de suas próprias vozes. Sendo assim, por meio do ensino de literatura, talvez haja a possibilidade de os alunos lidarem com diferentes linhas de pensamento para elaborarem um esquema racional, coerente com as suas leituras, para dialogarem com diferentes tipos de textos de uma maneira mais autônoma.

O ensino de literatura privilegiando diferentes tipos de obras e perspectivas, portanto, talvez contraponha o imediatismo do mundo contemporâneo. Considerando o elevado consumo de livros de autoajuda em busca de respostas prontas, assim como a recente alta na procura por obras infanto-juvenis associadas à imagem de webcelebridades, a leitura e o diálogo a partir de obras literárias em sala de aula talvez garantam mais do que algumas questões nos vestibulares. Até porque, a análise realizada por Luft (2014) sobre questões do ENEM relacionadas à literatura, mostra que além do número de questões ser reduzido, ainda geralmente valorizam leituras funcionais dos textos, negligenciando suas especificidades literárias. Então, é certo que acima de tudo seja necessário melhorar as condições de trabalho dos professores e “que os parâmetros, orientações e avaliações emanados do MEC não mais confirmem à literatura uma abordagem reducionista e negligente.” (LUFT, 2014, p. 270), mas, além disto, é preciso romper com abordagens utilitárias no ensino de literatura e investir em práticas em que os alunos, além de terem contato com o que será cobrado nos exames, se sintam também parte do processo produtivo através do amplo acesso a diferentes teorias críticas que instrumentalizem as suas leituras, pois esta seria a

[...] real contribuição para a aquisição e o desenvolvimento discente no tratamento dos textos literários, dessacralizados e acessíveis a todos, permitindo o diálogo amplo, explicando falhas e desenvolvendo perspectivas para o encontro de leituras textuais e contextuais bem sucedidas. E, acima de tudo, representando para os alunos de literatura na escola a capacidade de criar conhecimento teórico, na reflexão sobre a ação de leitura. (LEAHY-DIOS, 2004, p. 220)

Talvez a proposta de Moraes (2017) em relação ao trabalho pedagógico com canais de *YouTube* seja interessante. Afinal é preciso que os alunos também sejam bons leitores nos meios digitais, mas, acima de tudo, conforme Bauman (2008), é necessário preparar os alunos para a incerteza e para a ambivalência, oferecendo-lhes diferentes pontos de vista em vez de autoridades inquestionáveis

para que, assim, desenvolvam a coragem necessária para realizarem críticas e autocríticas que os levem a assumir as consequências das suas escolhas sem temerem a indecisão. Portanto, para que o aluno desenvolva seus próprios critérios, a fim de definir as leituras que realizará, é preciso instrumentalizá-lo, através das aulas de literatura, apresentando e discutindo diversos tipos de textos, desde os canônicos aos associados a personalidades, a partir de variadas perspectivas teóricas, como, por exemplo, entre diversas possibilidades, utilizar o pensamento de Lejeune (2014) para pensar o histórico da escrita de si, com o intuito de ampliar a visão dos estudantes sobre uma obra autobiográfica, ou, discutir os estudos de Candido (1975) a fim de, com os alunos, refletir sobre o que as obras de *YouTubers* expressam em um contexto de culto às personalidades, para que, assim, a importância do ensino de literatura seja mais bem compreendida, não só como um meio de exercício do diálogo e do pensamento diante de escolhas, mas também como uma disciplina amparada por uma tradição teórica capaz de mediar mais objetivamente a relação em sala de aula, pois “é a reflexão teórica sobre o percebido, o observado (a ação) que poderá reforçar os papéis discente e docente de agentes de seu próprio conhecimento e transformação social e pessoal.” (LEAHY-DIOS, 2004, p. 222).

## Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi colaborar com a compreensão, a partir da lista dos livros mais vendidos do *site PublishNews*, sobre o papel do ensino formal de literatura inserido em uma sociedade de consumo. Sendo assim, pareceu necessário discutir o papel das aulas de literatura em relação a este cenário para se pensar em um possível caminho para a formação de leitores capazes de fruir variados tipos de textos e de experimentarem menos angústias diante de incertezas e de perspectivas diferentes.

No entanto, obviamente, muito se deixou a discutir. Mesmo que talvez entre estes títulos mais vendidos haja repetições de fórmulas já consagradas de best-sellers, a aparente tendência para o crescimento do consumo de obras relacionadas a *YouTubers* exige reflexões mais aprofundadas, principalmente por serem direcionadas ao público mais jovem, supostamente ainda mais vulnerável. Pela ênfase dada neste trabalho, não foi possível analisar nenhuma das obras associadas às webcelebridades, sobretudo o livro de Felipe Neto que aparece, com folga considerável, como o mais vendido na pesquisa semanal do *PublishNews*. É claro que há diferentes formas de interpretar este dado, pois, partindo da ideia de que o período considerado foi curto, o elevado número de vendas do *YouTuber* poderia ser um fenômeno passageiro. Porém a grande diferença do número de vendas do livro de Felipe Neto, além da presença de outros *YouTubers* nesta lista, talvez indique uma nova tendência de mercado que exige ser mais bem analisada.

Desta forma, discussões em relação ao modo como os livros presentes na lista são escritos, e aos conteúdos destas obras não tiveram o espaço suficiente para que a atenção sobre a importância política do ensino de literatura fosse considerada. Assim como apontado por Leahy-Dios (2004) e Luft (2014), os documentos oficiais nacionais indicam que a literatura, enquanto disciplina escolar, cada vez mais perde a sua importância. Considerando o interesse pouco diversificado apresentado na lista e a baixa procura por obras de ficção, sobretudo aquelas que oferecem maior complexidade, talvez seja possível perceber a fragilidade destes consumidores perante as estratégias de publicidade e inserir, neste ponto, um, entre tantos outros, papel político da educação literária. O ensino de literatura nas escolas, neste sentido,

se mostra como uma necessidade política a fim de fortalecer os leitores para que não se abstenham da liberdade de escolha.

## Referências

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2010.

BIASIOLI, B. L. **As interfaces da literatura infanto-juvenil**: panorama entre o passado e o presente. *terra roxa e outras terras*, v. 9, p. 91–106, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24804/18185>>. Acesso em: 28 set. 2017.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 4ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1975.

CARDOSO, V. Z. **Literatura, sociedade de consumo e escola**: uma relação conflituosa. 2011. 96 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Programa de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/CardosoVZ.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

CORTINA, A. A literatura de massa na perspectiva dialógica / The mass literature on dialogic perspective. **Bakhtiniana**, v. 1, n. 5, p. 133–150, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/viewFile/4938/5084>>. Acesso em: 28 set. 2017.

GOMES, E. C.; GOMES, E. F. O papel dos Influenciadores Digitais no relacionamento entre Marcas e Millennials na Era Pós-Digital. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. **Anais...Fortaleza, CE'**: Centro Universitário Estácio do Ceará, 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0751-1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

LEAHY-DIOS, C. **Educação literária como metáfora social**: desvios e rumos. 2ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014

LOPES, C. W. **Práticas de leitura de professoras na contemporaneidade & literatura de autoajuda**. 2012. 178 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/49847>>. Acesso em: 28 set. 2017.

LOPES, C. W. **Presença do gênero autoajuda na formação de professores: práticas de leitura de estudantes em cursos de pedagogia**. 2016. 194 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/149054>>. Acesso em: 28 set. 2017.

LUFT, G. F. C. **Retrato de uma disciplina ameaçada: a literatura nos documentos oficiais e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)**. 2014. 303 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/103887>>. Acesso em: 28 set. 2017.

MORAES, H. J. P. Os youtubers e as relações de identificação e projeção no imaginário infanto-juvenil contemporâneo: discussões a partir da ética da estética. **Iluminuras**, v. 18, n. 44, p. 182–196, jan/jul, 2017. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/75740/43145>>. Acesso em: 28 set. 2017.

PPUBLISHNEWS. **Publishnews**, 2017. Lista de mais vendidos 2017. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2017/0/0>>. Acesso em: 28 set. 2017.

RIBEIRO, L. D. M.; STAFUZZA, G. B. A construção identitária na literatura de autoajuda: questões de linguagem e cultura (UAELL, Ed.). III SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA. **Anais...** Catalão, GO: UFG - Regional Catalão, 2014. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/guifromm/wp-content/uploads/2014/05/artigo\\_anais\\_sinalel1.pdf](http://www.ileel.ufu.br/guifromm/wp-content/uploads/2014/05/artigo_anais_sinalel1.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2017.

RÖSING, T.; RETTENMAIER, M. Leitura e hipertexto: a lição da literatura infanto-juvenil. **Letras de hoje**, v. 43, n. 2, p. 36–39, abr/jun., 2008. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/25530778.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

SILVA, F. A. M.; OLIVEIRA, V. S. O professor de literatura na sociedade líquida contemporânea. **Revista Crioula**. n. 18, p. 51–63, jun/dez, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/118323>>. Acesso em: 28 set. 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3<sup>a</sup>. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

## Anexos

### Anexo A – Lista parcial dos livros mais vendidos em 2017

## Lista de Mais Vendidos Geral de 2017 - PARCIAL

Geral **Ficção** Não ficção Autoajuda Infantojuvenil Negócios

## Livros

<b>1</b>	 <b>Botalha espiritual</b>  Padre Reginaldo Manzotti Petra	113.125	<b>10</b>	 <b>O poder do agora</b> Eckhart Tolle Sextante	58.999
<b>2</b>	 <b>O homem mais inteligente da história</b>  Augusto Cury Sextante	102.652	<b>11</b>	 <b>O poder do hábito</b> Charles Duhigg Objetiva	58.342
<b>3</b>	 <b>O poder da ação</b>  Paulo Vieira Gente	90.786	<b>12</b>	 <b>Depois de você</b> Jojo Moyes Intrínseca	54.802
<b>4</b>	 <b>Por que fazemos o que fazemos?</b>  Mario Sergio Cortella Planeta do Brasil	87.923	<b>13</b>	 <b>Harry Potter e a criança amaldiçoada</b> J. K. Rowling Rocco	52.897
<b>5</b>	 <b>Rita Lee - uma autobiografia</b>  Rita Lee Globo Livros	81.767	<b>14</b>	 <b>Minutos de sabedoria</b>  C. Torres Pastorino Vozes	50.304
<b>6</b>	 <b>Propósito</b>  Sri Prem Baba Sextante	78.793	<b>15</b>	 <b>Como eu era antes de você</b> Jojo Moyes Intrínseca	49.520
<b>7</b>	 <b>Sapiens</b> Yuval Noah Harari L&PM	77.561	<b>16</b>	 <b>O mundo de Larissa Manoela</b>  Larissa Manoela HarperCollins	48.975
<b>8</b>	 <b>Ansiedade - Como enfrentar o mal do século</b>  Augusto Cury Saraiva	74.505	<b>17</b>	 <b>Outros jeitos de usar a boca</b> Rupl Kaur Planeta do Brasil	46.946
<b>9</b>	 <b>Quatro vidas de um coelho</b> Bruce Cameron HarperCollins	61.301	<b>18</b>	 <b>A Cabana (capa do filme)</b> William P. Young Arquero	45.299
			<b>19</b>	 <b>Ansiedade 2 - Autocontrole</b>  Augusto Cury Benvira	41.861
			<b>20</b>	 <b>Os segredos da mente milionária</b> T. Harv Eker Sextante	40.739

Fonte: site PublishNews.

## Anexo B – Lista dos livros mais vendidos entre 28/08/2017 a 03/09/2017

## Lista de Mais Vendidos Geral de 28/08/2017 a 03/09/2017

Geral Ficção Não ficção Autoajuda Infantojuvenil Negócios

## Livros

1		<b>Felipe Neto</b> Felipe Neto Coquetel	18.927	10		<b>O poder do hábito</b> Charles Duhigg Objetiva	1.812
2		<b>Minha vida fora de série - 4ª temporada</b> Paula Pimenta Gutenberg	8.648	11		<b>O mundo de Larissa Manoela</b> Larissa Manoela HarperCollins	1.759
3		<b>Foco na prática</b> Paulo Vieira Gente	3.556	12		<b>Neagle</b> Victor Trindade/ Gabriel Fernandes Astral Cultural	1.687
4		<b>Sapiens</b> Yuval Noah Harari L&PM	3.414	13		<b>Batalha espiritual</b> Padre Reginaldo Manzotti Petra	1.677
5		<b>O poder da ação</b> Paulo Vieira Gente	3.067	14		<b>Ansiedade - Como enfrentar o mal do século</b> Augusto Cury Saraiva	1.674
6		<b>Box - As crônicas de gelo e fogo</b> George R. R. Martin LeYa	2.896	15		<b>Por que fazemos o que fazemos?</b> Mario Sérgio Cortella Planeta do Brasil	1.565
7		<b>Na minha pele</b> Lázaro Ramos Objetiva	2.166	16		<b>Planeta das gêmeas</b> Melissa e Nicole Astral Cultural	1.491
8		<b>Propósito</b> Sri Prem Baba Sextante	1.972	17		<b>Minutos de sabedoria</b> C. Torres Pastorino Vozes	1.472
9		<b>Outros jeitos de usar a boca</b> Rupi Kaur Planeta do Brasil	1.891	18		<b>O poder do agora</b> Eckhart Tolle Sextante	1.434
				19		<b>O homem mais inteligente da história</b> Augusto Cury Sextante	1.386
				20		<b>Homo Deus</b> Yuval Noah Harari Companhia das Letras	1.382

Período de apuração: 28/08/2017 a 03/09/2017  
Data de publicação: 08/09/2017

Fonte: site PublishNews.

**Recebido em: 16/01/2018.**

**Aprovado em: 28/06/2018.**